

UM AMERICANO EM TEERÃO

QUARENTA DIAS QUE TRANSFORMARAM O MÉDIO ORIENTE

José Luís Alves

Os *Homens do Xá*, de Stephen Kinzer, revela os pormenores da Operação Ajax, uma das primeiras acções que a Agência Central de Inteligência dos EUA, a CIA, organizou no exterior. O livro, no entanto, não se limita a relatar o golpe que derrubou o Governo liderado por Mohamed Mossadegh, procurando retratar os principais episódios da história iraniana e encontrar ligações entre os acontecimentos de 1953, o aparecimento do terrorismo no Médio Oriente e o seu desenvolvimento até aos nossos dias.

A história iraniana foi sendo construída em torno de um conjunto de características muito próprias, de importância fundamental para assegurar a individualidade do Irão na região em que se insere. A sua evolução tem sido marcada pela tentativa de assimilar o Islão, introduzido no país pelos conquistadores árabes, com a herança e a grandeza da antiga Pérsia, no que Kinzer considera um «esforço continuado e frequentemente frustrante». Fortemente influenciados pela tradição xiita, os iranianos interiorizaram um sentimento de

martírio colectivo, acompanhado pela busca de uma liderança justa, factores que desempenharam um papel fundamental na sua evolução, em especial em momentos de crise. Devido à sua estratégica localização, controlando rotas comerciais e recursos naturais de considerável importância, o Irão cedo se transformou num alvo apetecível. As sucessivas intervenções de potências externas condicionaram decisivamente o seu relacionamento com o exterior, mas, frequentemente, determinaram também a evolução das relações de poder no seu interior. Para ilustrar estas situações, Kinzer traça uma breve retrospectiva da história iraniana, justificando o crescimento do nacionalismo com as sucessivas agressões externas, mas salientando a total incapacidade do poder instalado em Teerão, com os governantes mais preocupados com a sua realização pessoal do que com a resolução dos problemas colectivos.

UM CONFRONTO INEVITÁVEL?

O interesse das principais potências ganhou novos contornos com a descoberta de vas-

STEPHEN KINZER

**Os Homens do Xá
– O Golpe no Irão
e as Origens
do Terrorismo
no Médio Oriente**

Lisboa,
Tinta-da-China,
2007, 352 páginas

tos campos petrolíferos, e, durante a primeira metade do século XX, a soberania iraniana foi sendo consideravelmente limitada pela ingerência externa. Controlando os recursos petrolíferos iranianos através da Anglo-Iranian Oil Company, a Grã-Bretanha arrecadava a quase totalidade dos lucros, desenvolvendo um relacionamento tipicamente colonial com o Irão, enquanto proporcionava condições de vida miseráveis à população local, vista apenas como mão-de-obra barata. Stephen Kinzer relata as diversas modalidades que os britânicos utilizaram para manobrar o poder em Teerão de acordo com os seus interesses, concluindo que essa postura, agravada por uma total intransigência negocial, contribuiu decisivamente para desenvolver um consenso nacional em torno da nacionalização da indústria petrolífera. Defendendo que «o Irão é a melhor pessoa para governar a sua casa», Mohamed Mossadegh liderou grande parte desse processo, transformando-se num actor fundamental para a expressão das correntes nacionalistas. Como primeiro-ministro, Mossadegh manteve a inflexibilidade, continuando a enfrentar os interesses da Grã-Bretanha, consumando um choque que conduziu à total paralisação da exportação do petróleo iraniano. Inicialmente, a incapacidade das partes para ultrapassar o impasse preocupava o Governo norte-americano, mas Harry Truman procurou evitar a confrontação directa entre o Irão e o Ocidente, nunca demonstrando grande interesse em responder aos apelos britânicos para uma acção mais dura contra Teerão. Segundo Kintzer, a situação alterou-se com a chegada de Dwight Eisenhower à Casa

Branca, pois a nova Administração norte-americana, focada na contenção da URSS e temendo a possibilidade de os comunistas tomarem o poder no Irão, demonstrou maior abertura para corresponder aos desejos de Winston Churchill. Com todos os homens que iriam assegurar o poder absoluto ao xá Mohamed Reza nos seus postos, estavam reunidas as condições para provocar uma mudança política em Teerão. Aproveitando a rede de agentes que anteriormente servia os interesses da Grã-Bretanha, a CIA trabalhou activamente para o derrube do Governo, provocando a desestabilização do país e organizando as forças que levariam a cabo o golpe, uma acção que Kinzer descreve com todos os pormenores. Kermit Roosevelt, neto do antigo Presidente dos EUA, preparou e dirigiu as operações no terreno, e, apesar do fracasso inicial, contrariou as ordens para abandonar Teerão e assegurou o afastamento de Mossadegh numa segunda tentativa. Este sucesso transformou o Irão num aliado fulcral para a estratégia norte-americana na região, mas ligou os EUA ao afastamento de um governo popular e à sua substituição por uma ditadura que governaria o país durante um quarto de século.

SEMENTES DE VIOLÊNCIA

Procurando estabelecer a ligação entre o golpe organizado pela CIA no Irão e o surgimento de um sentimento antiamericano na região, Stephen Kinzer defende que esta acção esteve na origem do desenvolvimento do terrorismo no Médio Oriente, sendo possível traçar «uma linha que vai da Operação Ajax, passa pelo regime

opressivo do xá e pela Revolução Islâmica e desemboca no fogo que consumiu o World Trade Center em Nova York». Será, por certo, uma linha um pouco ténue, que quase se esbate por completo em certos pontos, mas que não deixa de merecer um olhar atento. Na verdade, ao alterar por completo a evolução dos acontecimentos em Teerão, a intervenção de 1953 condicionou o equilíbrio de forças na região e a formação das alianças durante a Guerra Fria. A sua influência na história recente do Irão, quando conjugada com a importância geoestratégica do país, evidencia uma série de ligações entre algumas situações marcantes para a evolução da cena internacional até aos nossos dias. O golpe, pondo fim a uma democracia em construção, possibilitou a instauração de um regime despótico, que só seria derrubado pela força, ajudando a criar condições para o florescimento da Revolução Islâmica. Esteve presente na ocupação da Embaixada norte-americana em Teerão, inspirada pelos receios de que os EUA, repetindo a manobra de 1953, organizassem um novo regresso do xá, um episódio decisivo para congelar o relacionamento entre os dois países. A mudança de regime em Teerão alterou profundamente o equilíbrio regional, influenciando a invasão do Afeganistão pela URSS e forçando a aproximação entre os EUA e o Iraque, enquanto a ameaça de exportação do modelo de Khomeini, consubstanciada no apoio a alguns dos grupos mais radicais, passou a condicionar os desenvolvimentos em todo o Médio Oriente. Mas, mesmo tendo em conta o terrorismo de Estado organizado a partir de Teerão, com a capacidade para ali-

mentar a escalada da violência que abarca, o elo final, associando a Operação Ajax e o 11 de Setembro, não é muito justificado por Kinzer. Existe, na verdade, uma linha mais directa e evidente, que liga os atentados aos mujahidines afegãos, noutra episódio em que a necessidade de travar a expansão soviética condicionou as opções da política externa norte-americana para a região.

O RENDER DA GUARDA

Mohamed Mossadegh, que se tinha afirmado como uma voz importante a nível internacional denunciando um sistema colonial em declínio, «esperava vir a saber se os Estados Unidos estavam verdadeiramente do lado dos oprimidos ou eram um mero brinquedo nas mãos dos vis ingleses», mas o seu afastamento transformou-se num importante marco no processo de substituição da Grã-Bretanha como potência dominante na região. Os desenvolvimentos subsequentes evidenciaram o papel que os EUA pretendiam desempenhar, bem como as modalidades a que estariam dispostos a recorrer para atingir os seus objectivos, e a imagem dos norte-americanos na região foi abalada mesmo antes de ser conhecida a decisiva acção da CIA na organização e preparação do golpe. Para grande parte dos iranianos, o afastamento de Mossadegh despertou um profundo sentimento de desencanto com os governantes norte-americanos, consagrado na fórmula do «Grande Satanás», mas a propagação do antiamericanismo no Médio Oriente não pode ser dissociada do conjunto das políticas dos EUA para a região na segunda metade do século XX.

O posicionamento face à questão palestina e a aliança com Israel contribuíram decisivamente para desenvolver esse sentimento, em especial nos países árabes, bem como uma postura neocolonialista e o continuado apoio a regimes repressivos. Se os britânicos eram «odiados e objecto de desconfiança quase em toda a parte», a crescente importância dos EUA na definição da política regional só poderia atrair os mesmos sentimentos, em especial se baseada em princípios e acções semelhantes. Stephen Kinzer, no entanto, não se concentra nessa transição ou nas suas consequências, preferindo evidenciar os diferentes rumos que democratas e republicanos imprimiam à política externa norte-americana. Não valoriza o acordo entre os EUA e a Arábia Saudita, repar-

tando equitativamente os lucros da exploração petrolífera, publicitado no momento em que os britânicos recusavam igual concessão aos iranianos, e os norte-americanos parecem empurrados para uma posição de liderança a que não ambicionavam. No entanto, o modelo da Operação Ajax, utilizando todo o tipo de meios ilícitos para desestabilizar um país e derrubar um governo em funções, seria repetido em diversas partes do globo, em especial na América Latina, e quase sempre justificado com a mesma necessidade de conter a expansão soviética. Essas réplicas, que nem sempre foram bem sucedidas, estão directamente ligadas ao sucesso obtido com o golpe no Irão, pelo que os seus efeitos ultrapassam largamente a região e a época em que ocorreram. **RI**